

A SEGURANÇA FÍSICA DE COLEÇÕES ESPECIAIS: CONSIDERAÇÕES SOB A PERSPECTIVA DO GERENCIAMENTO DE RISCOS¹

JULLYANA MONTEIRO GUIMARÃES ARAUJO²

RESUMO

Esse artigo tem como objetivo destacar a importância de pensar a segurança física de coleções especiais sob o ponto de vista do gerenciamento de riscos. Para isso, entende-se que coleções especiais são aquelas construídas por itens considerados importantes por um motivo específico – como seu valor monetário, histórico, patrimonial, cultural, entre outros – e, por isso, sua preservação é muito importante. O gerenciamento de riscos é entendido como uma metodologia dentro da conservação preventiva com o objetivo de evitar ou mitigar riscos negativos à coleção especial. Afirma-se, então, que a segurança física de coleções especiais pode ser pensada a partir de ações preventivas, especialmente a partir das chamadas boas práticas de segurança preventiva. As boas práticas de segurança preventiva são ações que não dependem exclusivamente de extraordinários recursos tecnológicos ou financeiros. Conclui-se que muito da segurança física de coleções especiais pode ser garantido a partir das boas práticas mencionadas combinadas aos Cinco Estágios de Controle de Riscos, metodologia dentro do gerenciamento de riscos de bens culturais, para melhor organizar tais ações.

PALAVRAS-CHAVE

Segurança física. Segurança preventiva. Coleções especiais. Gerenciamento de riscos. Cinco estágios para controle de riscos.

¹ Este artigo é parte da pesquisa de conclusão de curso desenvolvida na Escola de Biblioteconomia da UNIRIO, orientada pelo Prof. Dr. Fabiano Cataldo de Azevedo e pela Bibliotecária Ma. Marcia Valéria da Silva Brito Costa, que resultou no trabalho “A segurança física de coleções especiais: gerenciamento de risco na Biblioteca Central da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro” em novembro de 2019.

² Bacharela em Biblioteconomia pela UNIRIO. Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Preservação de Acervos de Ciência e Tecnologia, no Museu de Astronomia e Ciências Afins (MAST/RJ). E-mail: jullyanamgaraujo@gmail.com.

1 INTRODUÇÃO

A ocorrência de vandalismos, saques, roubos e/ou furtos em bibliotecas não é algo contemporâneo – bibliotecas sofrem com atentados desse tipo desde a Antiguidade. A quase mítica Biblioteca de Alexandria enfrentou perdas significativas em seu acervo causada por, entre outros, ignorância e fanatismo (MEY, 2004). Na Idade Média, o roubo de livros era acontecimento tão comum que desencadeou algumas ações de prevenção por parte das bibliotecas da época: principalmente, acorrentar os livros aos seus móveis e colocar pragas escritas em placas nas paredes na tentativa de amedrontar e desencorajar possíveis ladrões (VELÁZQUEZ, 2015).

Avançando para o século XXI, percebemos que roubos, furtos e vandalismos em bibliotecas não diminuíram ou deixaram de existir, pelo contrário – continuam acontecendo e atingindo acervos cuja perda traz um dano potencialmente irreparável por vários motivos, seja por seu valor histórico, cultural, patrimonial, e outros, ou por seu valor monetário. Para além de ser um problema local, a segurança física de bibliotecas e de suas coleções é um problema de escala mundial, com casos ocorridos em diferentes partes do globo, e em bibliotecas de bastante renome, o que nos leva a concluir que qualquer biblioteca, em qualquer país ou região, está sujeita a esse tipo de dano.

No entanto, devemos reconhecer que algumas bibliotecas correm mais esse risco – relacionado à segurança física – que outras: tratam-se daquelas que possuem, em seu acervo, coleções especiais. O risco é maior nesse contexto, pois as coleções especiais são, fundamentalmente, formadas por itens de grande valor, como o patrimonial, cultural, histórico, acadêmico, monetário, e alguns outros, que chamam a atenção de criminosos e indivíduos mal-intencionados para a coleção.

Por essa razão, é lógico pensar que devemos agir na prevenção de tal risco, ou seja, certificarmos que a segurança física das coleções especiais presentes em bibliotecas esteja garantida. Nos cabe, então, a seguinte indagação: se este é um risco que pode atingir qualquer biblioteca, e que deve ser especialmente considerado em bibliotecas com coleções especiais, como agir para conhecê-lo e eliminá-lo, ou, no mínimo, mitigá-lo?

O gerenciamento de riscos é uma metodologia que nos permite, a partir do conhecimento do contexto específico, estabelecer prioridades na ação contra os riscos danosos aos objetivos traçados, e é uma boa resposta para a questão acima. Em coleções especiais, por exemplo, geralmente, tem-se o objetivo de garantir a salvaguarda de seus itens, ao mesmo tempo em que se pretende colocar a coleção na rota de pesquisadores e outros usuários, divulgando-a e permitindo que, a partir dela, novas informações e conhecimentos sejam gerados para a sociedade.

O gerenciamento de riscos está intimamente relacionado a mentalidade da conservação preventiva, onde elencamos ações a nível de coleção – e não apenas de item, de obra – com o objetivo de evitar que a mesma se deteriore em razão da atividade de agentes já conhecidos pela literatura³. Portanto, para além de considerar apenas o lugar da coleção em si, consideramos também seu contexto – cultural, político, econômico – e o entorno – a região, local, prédio, sala, mobiliário – para melhor conhecer os riscos possível e elencar as prioridades.

Porém, a ambição aqui não será trabalhar todos os agentes conhecidos na literatura, e sim um agente bastante importante: criminosos, estando relacionado à segurança física e a eventos como roubos, furtos e vandalismos. Sabe-se que atos como

³ Nos referimos, aqui, aos agentes força física, fogo, água, poeira, criminosos, pestes, poluentes, luz e raios UV, temperatura incorreta, umidade relativa incorreta e dissociação.

roubos, furtos ou vandalismos colocam em risco o objetivo de coleções especiais – sobreviver e, ao mesmo tempo, continuar gerando conhecimento para a sociedade. Por meio do gerenciamento de riscos (no caso, deste risco) é possível elencar ações que tornam possível lidar com essas ameaças em nível de prevenção.

O presente artigo tem como objetivo salientar a importância de pensar a segurança física de coleções especiais a partir da prevenção e do que vamos chamar de boas práticas de segurança preventiva, algo fundamental em toda biblioteca que lida com esse tipo de coleção. Complementarmente, almeja-se ainda que a discussão e os conceitos apresentados auxiliem profissionais que lidam com coleções especiais a pensar a questão da segurança de modo preventivo.

Para alcançar esses objetivos a metodologia utilizada compreende a apresentação de conceitos e discussões que foi possível a partir de uma revisão de literatura em *websites*, bases de dados e repositórios nacionais e internacionais. De modo geral, é possível dizer que as boas práticas de segurança preventiva, organizadas em relação aos Cinco Estágios de Controle de Riscos, podem apresentar resultados bastantes satisfatórios em relação à segurança de coleções especiais. Ameaças à segurança não configuram um motivo suficientemente convincente para impedir o acesso – livros são, afinal, para uso, e como bibliotecários e/ou gestores de coleções especiais, devemos ter isto em mente.

2 COLEÇÕES ESPECIAIS E A SUA SEGURANÇA: POR QUE É IMPORTANTE?

Coleções são, no geral, uma seleção de objetos agrupados segundo a vontade um indivíduo particular, por um motivo que talvez faça sentido apenas para esse

indivíduo. Institucionalmente e, especialmente em bibliotecas, coleções acontecem sob duas vertentes: na primeira, são itens reunidos segundo motivos relevantes para a instituição, relacionados ao cumprimento dos objetivos da biblioteca com seu público-alvo; na segunda vertente, coleções em bibliotecas podem ser recebidas por compra ou doação de indivíduos cuja atuação na sociedade e/ou assunto da coleção sejam pertinentes para os objetivos da biblioteca e da instituição mantenedora. Vale dizer que, nesse último caso, temos a origem da grande maioria das coleções especiais nas bibliotecas brasileiras.

Coleções especiais são, substancialmente, um agrupamento de itens que por um motivo específico são considerados mais importantes que outros e, por isso, são acondicionados e, no ponto de vista dos esforços para preservação, tratados de maneira diferenciada. Para definir coleções especiais bibliográficas, a Universidade de Glasgow (Escócia) diz que essas são:

coleções de livros ou arquivos considerados importantes (ou 'especiais') o bastante para serem preservados para gerações futuras. Geralmente elas têm significativo valor de pesquisa e/ou cultural. [...] Às vezes os itens separados dentro da coleção não são, sozinhos, [...] 'valiosos', ganham importância a partir do contexto em que eles são colecionados [...]. (UNIVERSITY OF GLASGOW, [20-?], *online*, tradução nossa)

Essencialmente, coleções especiais devem ser formadas ou recebidas por sua relação patrimonial com a biblioteca onde está ou onde se pretende sua alocação. Ao lado disso, é possível também considerar o valor institucional, histórico, intrínseco ou associativo (LINO, HANNESCH, AZEVEDO, 2007), quando da consideração acerca da formação ou do recebimento de coleções que se tornarão especiais. Para além da relação patrimonial e dos valores elencados, uma coleção também pode se tornar especial pois seus itens

pertenceram ou foram utilizados ou marcados por um ou mais notáveis personagens da sociedade, em área a fim a que trata o acervo da biblioteca (CÓSCIA, 2015).

Essas coleções, justamente por conta dos motivos que as fazem especiais, são visadas por indivíduos que buscam retirar um ou mais itens do seu conjunto, por razões que vão desde o monetário ao religioso. Se faz necessário, então, que o cuidado com a segurança física de coleções especiais seja estimulado, com o objetivo de salvaguardar o uso e a existência dessa coleção pela maior quantidade de tempo possível.

O cuidado com a segurança em coleções especiais é necessário a partir do momento em que se entende a importância daquela coleção para a biblioteca e para a sua comunidade interna e externa. Sendo ela importante, é preciso garantir que esteja disponível não apenas para os que virão a procurá-la hoje, mas também para os usuários de amanhã. Entendendo que podemos configurar desastre em bibliotecas como algo que ameaça ou efetivamente danifica a possibilidade de acesso às coleções (MATTHEWS, EDEN, 1996 *apud* NWOKEDI, PANLE, SAMUEL, 2017, tradução nossa), ações ou tentativas de vandalismos, roubos e/ou furtos podem ser considerados como tal pois o item ou sua parte roubada ou vandalizada deixa de existir no acervo e, portanto, fica indisponível para acesso.

Segurança em coleções especiais, então, significa pensar e praticar ações que busquem evitar que um ou mais itens seja total ou parcialmente retirado da coleção, e/ou evitar que sejam danificados por vandalismos. É preciso mencionar que isso não significa apenas garantir um sistema de câmeras ou alarmes de última geração. São necessárias ações preventivas, que vamos chamar, nesse trabalho, de segurança preventiva, como dito por Santiago (2017, *slides* 20-21) e Azevedo (2018, *slide* 45).

São ações de segurança preventiva aquelas que requerem pouca ou nenhuma verba atípica, e pouca ou nenhuma tecnologia especial. Isto é, são ações que não dependem exclusivamente de um moderno sistema de câmeras ou de alarmes, ou não dependem em nada desses sistemas. Elas tornam possível garantir um maior nível de proteção para a coleção especial sem, no entanto, despender recursos monumentais que quase sempre não existem na biblioteca.

A importância de garantir a segurança de coleções especiais está no impacto que o roubo ou o dano por vandalismo, por exemplo, pode trazer não apenas à instituição e à coleção, mas também para aqueles que veem nessa coleção uma parte de sua cultura e/ou contexto. Coleções especiais geralmente possuem certa relação patrimonial com a biblioteca, a área do conhecimento e/ou os indivíduos ao redor, motivo pelo qual sua preservação é de suma importância. Trata-se de uma coleção de itens ou de objetos que dificilmente poderão ser repostos, não apenas por seu valor monetário, mas sobretudo pelo valor patrimonial, cultural, histórico, que representam.

3 GERENCIAMENTO DE RISCOS EM BIBLIOTECAS E COLEÇÕES: BREVES CONCEITOS

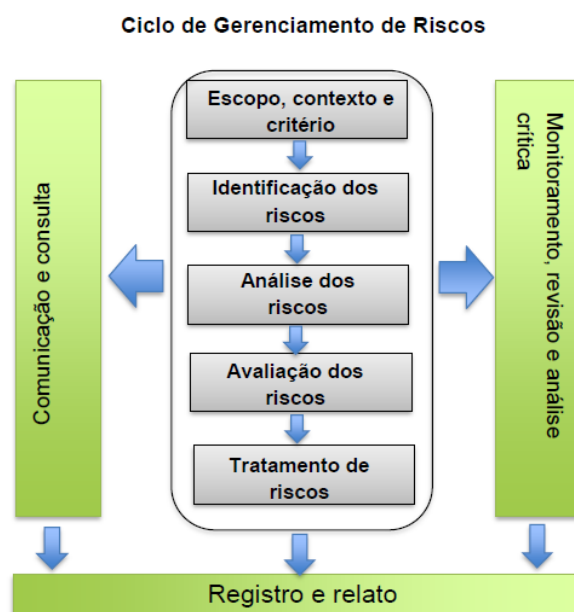
Em uma primeira colocação, talvez pareça estranho falarmos em “gerenciar riscos”. Por que gerenciá-los, e não lidar com todos ao mesmo tempo, ou ainda, lidar com cada um conforme acontecerem?

A resposta para essas perguntas está no entendimento de que o gerenciamento de riscos é uma metodologia relacionada à conservação preventiva que nos auxilia a elencar prioridades de preservação, a partir do conhecimento dos riscos que podem atingir o acervo, o impacto esperado e a perda de valor que acontecerá caso ocorra. O

gerenciamento de riscos trabalha para evitar ou mitigar – ou, no mínimo, melhor responder – perigos e ameaças que podem trazer impactos negativos para os objetivos, no caso, da coleção especial e/ou da biblioteca.

Em concordância com as normas ABNT NBR ISO 31000:2009 e sua versão atualizada em 2018, o gerenciamento de riscos considerado aqui possui um ciclo de cinco passos norteadores, com outros três adjacentes, em um total de oito passos, ilustrados abaixo (Figura 1). Especificamente para bens culturais, esses oito passos podem ser acrescidos de outras metodologias ou ferramentas que auxiliam a melhor execução de cada um.

Figura 1 - Ciclo de gerenciamento de riscos



Fonte: ARAUJO, 2019, baseado nas normas ABNT NBR ISO 31000:2009 E 31000:2018.

Definir o *escopo, contexto e o critério* no qual será realizado esse processo é o ponto de partida de todo o gerenciamento de riscos. Isso significa determinar qual o cenário político, cultural, socioeconômico, administrativo, etc., que se encontra a coleção, interna e externamente.

A seguir, deve-se partir para a etapa da *identificação dos riscos*, onde o objetivo é encontrar e descrever os riscos que podem ser prejudiciais à coleção. Para tornar essa etapa o menos subjetiva possível, existem três ferramentas fundamentais: os dez agentes de deterioração em acervos culturais, considerados cada um a partir das seis camadas de invólucro do acervo⁴ e dos três tipos de risco⁵ que podem ocorrer. Então, a exemplo, se consideramos o agente de deterioração “criminosos” devemos olhar para ele em todas as camadas que envolvem a coleção, e determinar de qual tipo é esse risco. Nesse passo, é possível também identificarmos o que pode potencializar o risco. Uma janela quebrada, falta de controle das chaves, não registrar um pesquisador, dentre outros, são ações que podem facilitar a ação de criminosos.

A etapa seguinte, da *análise dos riscos*, trata-se do entendimento detalhado do que cada risco significa em relação ao impacto e a perda de valor, caso se concretize. Para Pedersoli, Antomarchi, Michalski (2017, p. 64, grifo nosso) “dependendo da parte do acervo afetada pelo risco e do tipo e grau de dano sofrido pelos objetos afetados, a **perda de valor** [...] pode variar entre minúscula e total”. Para auxiliar nessa etapa, utiliza-se a Escala ABC desenvolvida por Stefan Michalski, em que três perguntas – A, B, e C – devem ser respondidas, a saber: A) Para eventos, com que frequência ocorrerá o risco? Para processos contínuos, em quanto tempo ocorrerá o risco?; B) Qual a perda de valor em cada objeto afetado?; e C) Quanto da coleção é afetada? (PEDERSOLI JR., 2017, p. 169). A resposta para essas perguntas é dada numericamente, de modo que, somando-as, é possível chegar à uma magnitude para cada risco.

⁴ São elas: região, local, edifício, sala, mobiliário, item.

⁵ São eles: eventos raros, como tsunamis; eventos comuns, como infiltrações; e processos contínuos, como uma infiltração no chão que de pouco em pouco danifica algo perto.

A *avaliação dos riscos* está diretamente relacionada com a etapa anterior, e é iniciada com o conhecimento da magnitude de cada risco, que é um produto da Escala ABC, indo de “prioridade baixa” até “prioridade catastrófica”. Avaliar os riscos e determinar sua magnitude é uma das etapas mais importantes pois é nesse momento que haverá uma definição de qual risco terá maior ou menor prioridade de tratamento.

Por fim, na etapa do *tratamento dos riscos* são indicadas as “medidas efetivas para eliminar ou reduzir esses riscos” (PEDERSOLI JR.; ANATOMARCHI; MICHALSKI, 2016, p. 100, tradução nossa), com o objetivo de “selecionar e implementar opções para abordar riscos” (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, 2018, p. 14). O tratamento deve ser escolhido considerando não apenas sua vantagem financeira, mas também levando em conta o contexto, os demais recursos disponíveis (ou não disponíveis), os objetivos pretendidos, sua eficácia, e o planejamento para sua implementação e manutenção. Para além disso, é de suma importância ter atenção para que um tratamento escolhido não resulte em consequências indesejadas, que poderão trazer mais danos à coleção (ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS, 2018).

Os tratamentos podem ser estudados em relação aos Cinco Estágios de Controle de Riscos, que auxilia essa etapa. Significa dizer que cada tratamento deve ser pensado considerando ações para evitar, bloquear, detectar, responder ou recuperar o item antes ou após a ocorrência do risco.

Os passos adjacentes, também muito importantes na realização das outras etapas, são três: *comunicação e consulta*, que consiste no diálogo constante com diferentes partes interessadas no processo; *monitoramento, revisão e análise crítica* diz respeito ao “aspecto renovável da gestão de riscos” (ARAUJO, 2019, p. 62), no sentido de que este processo deve ser constantemente monitorado, analisado criticamente e então

revisto, para que sempre esteja o mais atualizado e de acordo com o contexto presente possível; por fim, *registro e relato* trata da necessidade de documentar todo o processo e relatá-lo às partes interessadas.

Gerenciar riscos, então, é partir do conhecimento do contexto interno e externo para identificar possíveis riscos às coleções, detalhá-los em relação ao seu impacto e perda de valor esperada na coleção, para que assim seja possível relacionar cada um deles a uma prioridade maior ou menor e, com isso, indicar os tratamentos adequados para cada risco.

Em bibliotecas, no geral, a proposta do conhecimento dos riscos esperados no acervo e a possibilidade de coloca-los em ordem de prioridade de modo pouco subjetivo é um dos maiores benefícios do gerenciamento de riscos. Isso se dá pois sabemos o quanto que muitas bibliotecas sofrem com a alocação de recursos, especialmente, para a preservação do acervo. A oportunidade de agir de modo pontual é, por isso, muito apreciada.

De maneira não muito diferente, as coleções especiais também se beneficiam de um processo de gerenciamento de riscos, principalmente, de um específico para cada uma delas. Acontece que coleções especiais são, essencialmente, uma biblioteca menor dentro de outra maior, cujo acervo possui um grau a mais de valor que os demais itens do acervo geral. Semelhante à biblioteca que a guarda, as coleções especiais também se beneficiam grandemente da pontualidade de agir apenas nos riscos mais prioritários do momento. No entanto, é possível afirmar que em razão do seu valor diferenciado, um dos riscos mais urgentes em coleções especiais – seja qual for o contexto específico da biblioteca onde está situada – está relacionado a tentativas de roubo e furto.

Apesar das ocorrências relacionadas ao fogo e a água serem as maiores preocupações de bibliotecas – e não sem razão, já que se tratam dos dois riscos que mais acontecem nesse contexto (ALEGBELEYE, 1993 *apud* NWOKEDI, PANLE, SAMUEL, 2017) –, a segurança física de coleções é um risco tão e quão importante a ser considerado, com consequências igualmente desastrosas. Allen (1990, *apud* WILKIE JR., 2011, p. 01, tradução nossa) afirma que “o desastre resultante de roubo ou mutilação pode ser tão devastador quanto qualquer desastre natural para as coleções e a moral da equipe de uma instituição”.

O gerenciamento de riscos, então, se faz necessário para lidar com uma das principais ameaças às coleções especiais – o agente de deterioração “criminosos” –, permitindo que possamos conhecer as fraquezas relacionadas à esse agente e estabelecer as ações para a sua prevenção.

4 A SEGURANÇA FÍSICA NO GERENCIAMENTO DE RISCOS

Gerenciar o risco relacionado à segurança física de uma coleção especial significa reconhecer a importância dessa coleção para a biblioteca, a instituição que a abriga e os usuários – reais ou potenciais – que poderão usufruir do conhecimento ali guardado, portanto, é reconhecer seu valor diferenciado para além do monetário e, por isso, cuidar para que essa coleção possa ser disponibilizada pelo tempo que for possível.

Roubos, furtos e vandalismos, são eventos relacionados ao risco contra a segurança física e que estão cada vez mais em evidência dentro e fora do país, não sendo, portanto, uma preocupação apenas brasileira. Pelo mundo, podemos falar de ocorrências na Espanha (AGÊNCIA DE NOTÍCIAS DE PORTUGAL, 2007), na Itália

(SQUIRES, 2012), na British Library (LAVILLE, 2008) e na Universidade de Yale (FINNEGAN, 2005). No mundo dos museus, a quarentena imposta pelo novo Coronavírus trouxe esse risco à luz quando um quadro de Vicent Van Gogh foi roubado de um museu na Holanda (CASA VOGUE, 2020).

Diferentemente do que se pensa, muitas vezes essas ações de deterioração são praticadas por pessoas de dentro da biblioteca, ou que tiveram sua entrada permitida – foi o caso da Biblioteca Carnegie, em Pittsburgh (EUA), que descobriu que 320 itens de sua sala de acervo raro estavam desaparecidos, e outros 16 danificados severamente, avaliados em um total de cerca de oito milhões de dólares. Esses roubos e danos foram praticados por um antigo arquivista da biblioteca ao longo de 25 anos (SNYDER, 2020).

A lição que aprendemos a partir do conhecimento de roubos e vandalismos em coleções especiais e/ou raras pelo mundo é que essas ações podem acontecer de modo gradativo, sendo um processo contínuo de degradação; quando acontece de uma vez e de forma grandiosa, configura-se então como um evento raro; quando ocorre na forma de pequenos acontecimentos, configura-se um evento comum. O primeiro ocorre, por exemplo, quando páginas são tiradas de um mesmo livro ao longo de várias visitas de um usuário sem que ninguém saiba; o segundo, quando um ou mais itens são retirados da coleção em um roubo na calada da noite; e o terceiro quando pequenos furtos ou vandalismos são realizados, como um exemplar furtado durante uma visita.

Não considerando o contexto da coleção, aqui entendida como aquelas características que são extrínsecas à mesma e podem ser políticas, econômicas, sociais ou culturais e seguindo o ciclo de gerenciamento de riscos apresentado na seção anterior, é possível detalhar, genericamente, o risco relacionado ao agente “criminosos”, o que é feito no Quadro 1, de forma ilustrativa:

Quadro 1 – O ciclo de gestão de riscos voltado para o risco contra a segurança⁶

Identificação do risco	Segurança física – agente “criminosos” pode variar entre evento (raro ou comum) e um processo contínuo.
Análise do risco	Considerando a Escala ABC, podemos responder que (A) a frequência (genérica) de ocorrência desse risco em coleções especiais pelo mundo é pelo menos uma vez a cada ano; (B) a perda de valor do objeto afetado pode variar entre significativa, no caso de ilustrações únicas roubadas ou danos causados por tentativas de remover carimbos e outros, ou minúscula, se o objeto em si não for danificado; e (C) a perda de valor da coleção afetada será de uma fração significativa da mesma (claro, no caso de roubos isolados, desconsiderando um roubo de coleção inteira).
Avaliação do risco	As respostas à Escala ABC nos levam à uma magnitude do risco (MR) entre 10 e 13, o que significa que este é um risco que varia entre prioridade alta e extrema.
Tratamento do risco	Medidas de segurança preventiva.

Fonte: A autora.

Como exposto, o tratamento sugerido para esse tipo de risco em coleções especiais é aquele contemplado – e que pode ser resumido – pela chamada “segurança preventiva”, e que diz respeito, principalmente, a ações de reeducação (por parte da equipe e dos usuários) e planejamento para que a segurança física da coleção não dependa, exclusivamente, de modernos sistemas de alarmes e câmeras.

A segurança preventiva e suas boas práticas em coleções especiais resumem-se em três tipos de ações, essencialmente: (1) determinar níveis de acesso ao acervo; (2) determinar normas para a consulta ao acervo; e (3) determinar normas para visitas técnicas ao acervo (AZEVEDO, 2018). Ou seja, ações que para funcionar não são dependentes de grandes projetos e grandes recursos financeiros. O desempenho

⁶ É importante frisar que este é um quadro exemplo, ilustrativo, e que cada bibliotecário responsável por uma coleção especial deve realizar essa análise considerando o contexto da sua coleção e instituição.

apropriado dessas ações passa, portanto, por um bom planejamento e certo conhecimento teórico, além do conhecimento íntimo sobre o local onde a coleção especial está alocada.

Dentro da gestão de riscos, podemos pensar a segurança preventiva considerando os Cinco Estágios de Controle de Riscos, que dizem respeito a ações realizadas para Evitar, Bloquear, Detectar, Responder e Recuperar um risco. No geral, para cada risco, é importante a reflexão acerca das maneiras mais eficientes de evitar, bloquear, detectar, responder e recuperar, pois, “assim como nem sempre um determinado risco irá ocorrer em uma biblioteca [...] nem sempre será possível [...] evitar e/ou detectar um risco, sendo mais importante [...] a etapa de resposta ao mesmo (ARAUJO, 2019, p. 64)”. Porém, o agente de deterioração “criminosos” pode ocorrer em qualquer biblioteca que possui coleções especiais e, talvez por nossa sorte, também pode ser prevenido.

De modo a sintetizar cada um dos Cinco Estágios, o Quadro 2 abaixo se faz necessário:

Quadro 2 – Os cinco estágios de controle de riscos.

Evitar	Ações para evitar a causa do risco e/ou qualquer coisa que aumente sua chance de acontecer.
Bloquear	Ações para bloquear os agentes de deterioração. Se não for possível evitar, deve-se tentar interpor uma barreira entre o acervo e o agente.
Detectar	Ações para detectar os agentes de deterioração e os seus efeitos no acervo, de modo a proporcionar uma reação rápida.
Responder	Ações para responder à presença e à ação danosa dos agentes de deterioração encontrados. Inclui todo o planejamento e preparação para uma resposta rápida e eficiente. Deve andar sempre junta à etapa anterior.
Recuperar	Ações para recuperar perdas e danos sofridos. Essa etapa será realizada caso todas as ações anteriores falhem, ou no caso de riscos difíceis de prever com certeza, como grandes enchentes, inundações etc.

Fonte: ARAUJO (2019), baseado em Pedersoli Jr. Antomarchi; Michalski, 2017, p. 105.

Ponderando que “segurança preventiva” tem em sua essência a conservação preventiva, é possível dizer que de Cinco Estágios, o foco está prioritariamente em três: evitar, bloquear e detectar. No entanto, as duas últimas etapas dos Cinco Estágios não devem ser negligenciadas, pois apesar de muito poder ser feito preventivamente para evitar ocorrências relacionadas ao agente criminosos, também é preciso saber agir de modo preciso e rápido para recuperar-se caso esse risco se concretize.

Voltando aos “três estágios” que deverão ser focados quando pensamos em segurança preventiva, é possível listar ações recomendadas dentro de cada um deles, baseando-se em algumas publicações sobre esse tema na literatura da área. O Quadro 3 elenca algumas ações considerando cada um desses estágios:

Quadro 3 – Recomendações de segurança preventiva para coleções especiais considerando os “três estágios”.

EVITAR
Diagnosticar o edifício e a sala quanto ao estado de funcionamento, quantidade de trancas e conservação de portas e janelas.
Equipes de manutenção e limpeza devem ter dias e horários específicos para atuação, sempre autorizadas pelo responsável pela coleção especial, com registro em documento específico e na presença de um funcionário da biblioteca.
Controlar onde e com quem ficam as chaves para a área de coleções especiais, assim como suas retiradas e retornos.
BLOQUEAR
Deixar claro, por meio de sinais visuais na porta da área de coleção especial ou proximidades que a entrada é permitida apenas a pessoas autorizadas.
Garantir que o usuário seja instruído quanto ao correto manuseio do item e oferecer local adequado para a consulta, tanto para o documento quanto para o pesquisador.
Assegurar que cada obra consultada retorne para o seu lugar na estante.
DETECTAR
Monitorar o usuário durante sua consulta a obras das coleções especiais.
Garantir que os funcionários estejam aptos a detectar ações possivelmente criminosas em andamento.
Instruir os funcionários da recepção ou o que acompanhará o pesquisador na consulta a detectar objetos não permitidos como bolsas, cadernos, <i>laptops</i> , etc.

Fonte: A autora, com base em ARAUJO, 2019.

Como demonstrando no Quadro 3, torna-se nítido a afirmação de que muito pode ser feito e evitado a partir de “simples” ações de segurança preventiva. Em coleções especiais, em que a perda do mínimo como uma folha com uma ilustração pode significar uma perda de valor inestimável, essas ações podem significar a diferença entre uma coleção protegida e uma que está à mercê da própria sorte.

Cabe dizer, por fim deste tópico, que segurança não significa perda de acesso ou empecilhos para acesso. Justamente o contrário: não permitir o acesso pode se tornar um risco para a segurança já que o que ninguém conhece, também ninguém sente falta. Considerando desastres em bibliotecas como a ameaça ou o dano ao acesso às suas coleções usar a segurança como motivo para negar consultas à coleção especial também é um desastre. Desde que seja garantido com segurança para o acervo, é necessário trabalhar sim para garantir o acesso a coleções especiais.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Caminhando para o fim, é importante frisar que é necessário que gestores de coleções especiais estejam atentos à possibilidade de suas coleções sofrerem com esse risco, muitas vezes vindo de pessoas dentro da instituição ou cuja entrada foi permitida. É preciso que planejamentos sejam realizados para conhecer como o risco contra a segurança física – na forma do agente de deterioração “criminosos” – pode se tornar possível dentro do contexto de cada coleção especial, a fim de, então, elencar ações preventivas com o objetivo de evitá-lo.

Nesse sentido, procurou-se atestar neste trabalho que a segurança física de coleções especiais, muitas vezes pode ser realizada por meio de ações relacionadas

às boas práticas de segurança preventiva, que dependem em maior parte de planejamento do que de grandes recursos financeiros ou aparatos tecnológicos que nem sempre estão disponíveis.

É evidente, já há algum tempo, que eventos que colocam em risco a segurança física de acervos em bibliotecas, como roubos, furtos e vandalismos, não são uma novidade desde século nem acontecimentos exclusivos da realidade brasileira. O fato é que bibliotecas em todo mundo estão sujeitas a sofrer tais eventos. Se todas as bibliotecas estão sujeitas a esse risco, aquelas que possuem coleções especiais são especialmente mais visadas que outras devido ao valor diferenciado que tais coleções possuem. Apesar de existir o valor monetário, outros também influenciam, como valores patrimoniais, históricos, culturais, acadêmicos, etc.

Pensamos, então, na segurança dessas ilustres coleções sob a perspectiva do gerenciamento de riscos, considerando as boas práticas de segurança preventiva e organizando-as dentro dos Cinco (ou Três) Estágios de Controle de Riscos, de modo a facilitar a visualização da pertinência das ações e também o seu planejamento.

Por fim, é indispensável salientar que usar a justificativa de preocupação com a segurança para impedir o acesso a coleções especiais configura-se como um desastre em bibliotecas (além, é claro, do roubo, furto ou vandalismo em si também ser um desastre). Essas coleções devem ser passíveis de acesso pois podem gerar conhecimentos valiosos para a sociedade e, por sua relação patrimonial com a biblioteca e sua comunidade, é imprescindível que esteja disponível para consulta dos mesmos. Como diz Ranganathan em sua primeira lei, os livros existem para serem usados e, nesse sentido, o bibliotecário e/ou gestor responsável deve trabalhar para garantir o acesso de maneira segura aos itens de uma coleção especial.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA DE NOTÍCIAS DE PORTUGAL. *Descobertos novos roubos na Biblioteca Nacional de Espanha*. Portugal: RTP Notícias, 2007. Disponível em:

http://www.rtp.pt/noticias/cultura/descobertos-novos-roubos-na-biblioteca-nacional-de-espanha_n162325. Acesso em: 20 maio. 2019.

ARAUJO, Jullyana Monteiro Guimarães. *A segurança física de coleções especiais: gerenciamento de risco na Biblioteca Central da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro*. 124 f. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Biblioteconomia) – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2019.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. *NBR ISO 31000: Gestão de riscos – diretrizes*. Rio de Janeiro, 2018. 17 p.

AZEVEDO, Fabiano Cataldo. Coleções especiais: Segurança. In: *Curso de Formação e Desenvolvimento de Coleções Especiais*, 4., 2018, Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins, 2018. [50 slides].

CÓSCIA, Vera Lucia. UFSCar: Coleções Especiais em uma biblioteca comunitária. In: VIEIRA, Brunno V. G.; ALVES, Ana Paula Meneses (org.). *Acervos especiais: memórias e diálogos*. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015. p. 71-88. Disponível em: <https://www.fclar.unesp.br/Home/Instituicao/Administracao/DivisaoTecnicaAcademica/ApoioaoEnsino/LaboratorioEditorial/colecao-memoria-da-fcl-n9.pdf>. Acesso em: 1 nov. 2018.

FINNEGAN, William. *A theft in the library*. Nova Iorque: The New Yorker, 2005. Disponível em: <https://www.newyorker.com/magazine/2005/10/17/a-theft-in-the-library>. Acesso em: 20 maio 2019.

International Centre for the Study of the Preservation and Restoration of Cultural Property (ICCROM); Canadian Conservation Institute (CCI). *A Guide to Risk Management of Cultural Heritage*. Co-criação de Pedersoli Jr., José Luiz; Antomarchi, Catherine; Michalski, Stefan. Roma: ICCROM, 2016. 117 p. Disponível em: <http://www.iccrom.org/prioritizing-preservation-using-the-risk-management-approach/>. Acesso em: 15 mar. 2020.

International Centre for the Study of the Preservation and Restoration of Cultural Property (ICCROM); Canadian Conservation Institute (CCI). *Guia de Gestão de Riscos para o Patrimônio Museológico*. Co-criação de Pedersoli Jr., José Luiz; Antomarchi, Catherine; Michalski, Stefan. Tradução: José Luiz Pedersoli Jr. Roma: ICCROM, 2017. 122 p.

Disponível em: https://www.iccrom.org/sites/default/files/2018-01/guia_de_gestao_de_riscos_pt.pdf. Acesso em: 15 mar. 2020.

LAVILLE, Sandra. *History's missing pages*: Iranian academic slice out sections of priceless collection. The Guardian, Londres, 2008. Disponível em: <https://www.theguardian.com/books/2008/nov/21/british-library-sues-iranian-academic>. Acesso em: 24 maio. 2019.

LINO, Lucia Alves da Silva; HANNESCH, Ozana; AZEVEDO, Fabiano Cataldo de. Política de Preservação no âmbito do gerenciamento de Coleções Especiais: um estudo de caso no Museu de Astronomia e Ciências Afins. In: Encontro Nacional de Acervos Raros, 7., 2006, Rio de Janeiro, RJ). *Anais...* Rio de Janeiro: Biblioteca Nacional, 2007. p. 59-76. Disponível em: http://planorweb.bn.br/documentos/Lucia_Alves.pdf. Acesso em: 14 jan. 2019.

MEY, Eliane Serrão Alves. *Bibliotheca Alexandrina*. Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Campinas, v. 1, n. 2, p.71-91, jan./jun. 2004.

NWOKEDI, Grace Iyabo; PANLE, Paul Patrick; SAMUEL, Naomi. *Disaster management and preparedness*: a case study of University of Jos Library. Nebraska: Library Philosophy and Practice (e-journal), 2017. Disponível em: <http://digitalcommons.unl.edu/libphilprac/1590>. Acesso em: 10 dez. 2017.

PEDERSOLI JR., José Luiz. Gerenciamento de riscos para acervos culturais. In: *Apostila do VII Curso de Preservação de Acervos Científicos e Culturais*. Rio de Janeiro: Museu de Astronomia e Ciências Afins, 2017.

QUADRO de Van Gogh é roubado de museu fechado na quarentena. [s.l.]: Casa Vogue, 2020. Disponível em: <https://casavogue.globo.com/LazerCultura/Arte/noticia/2020/04/quadro-de-van-gogh-e-roubado-de-museu-fechado-na-quarentena.html>. Acesso em: 8 jul. 2020.

SANTIAGO, Maria Claudia. Caso Fiocruz: histórico, repatriação e segurança preventiva. In: *Encontro Segurança de Acervos Raros e Especiais*. Universidade de São Paulo, Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. São Paulo, 24 out., 2017. [34 slides]. Disponível em: https://drive.google.com/file/d/11diLwA8RFesfWl0jvAtxO31DhN_Tk1cY/view. Acesso em: 5 de maio 2019.

SNYDER, Alec. *A library found it was missing \$8 million of its rarest items*. Nearly three years later, a man on the inside admitted to selling the items to a local bookstore. [Atlanta, EUA]: CNN, 2020. Disponível em:

<https://edition.cnn.com/2020/01/14/us/pittsburgh-library-theft-trnd/index.html>.

Acesso em: 9 jul. 2020.

SQUIRES, Nick. *Italian library director accused of stealing works by Galileo and other books*. Londres: The Telegraph, 2012. Disponível em:

<https://www.telegraph.co.uk/news/worldnews/europe/italy/9596240/Italian-library-director-accused-of-stealing-works-by-Galileo-and-other-books.html>.

Acesso em: 20 maio 2019.

VELÁZQUEZ, Elvira Carreño. *Marcas de propiedad em los libros novohispanos*. México: Secretaria de Educación del Gobierno del Estado de Mexico, 2015. Disponível em:

<https://ceape.edomex.gob.mx/content/marcas-de-propiedad-en-los-libros-novohispanos>.

Acesso em: 4 mar. 2020.

UNIVERSITY OF GLASGOW. *What are Special Collections*. Glasgow, UK: University of Glasgow, Special Collections, [20-?]. Disponível em:

<http://www.gla.ac.uk/services/specialcollections/whatarespecialcollections/>.

Acesso em: 2 maio 2020.

WILKIE JR., Everett C (Comp.; Ed.). *Guide to security considerations and practices for rare book, manuscript, and special collection libraries*. Chicago: Association of College & Research Libraries, 2011. 364 p.